

“ (...) não sou do tipo que capitaliza, que faz frutificar seu conhecimento; sou antes alguém que se desloca em direção a uma fronteira sempre instável. ”

Sobre seu método de trabalho e pensamento

Pensamento construído como mito

Tradutora das 'Mitológicas' diz que elas criam novo diálogo do Ocidente com culturas ameríndias

ENTREVISTA Beatriz Perrone-Moisés

Poucos pesquisadores brasileiros têm um contato tão íntimo com o texto de Claude Lévi-Strauss quanto a professora da USP Beatriz Perrone-Moisés. Desde 1985, quando traduziu “A oleira ciumenta”, ela tem enfrentado o desafio de verter para o português livros deste que é considerado um dos grandes estilistas da língua francesa no século XX. Uma tarefa particularmente delicada, diz ela, por que uma das lições do autor é a indissociabilidade entre forma e conteúdo. Beatriz concluiu recentemente a tradução de “Antropologia estrutural I”, que será lançada nas próximas semanas, e trabalha no quarto e último volume das “Mitológicas”, “O homem nu”. Os livros serão editados pela Cosac Naify, que em 2004 deu início à publicação da primeira edição integral brasileira das “Mitológicas”, o grande trabalho de Lévi-Strauss sobre o pensamento ameríndio. Tradutora dos quatro volumes (o segundo em parceria com Carlos Eugênio Marcondes de Moura), Beatriz conversou com O GLOBO sobre os livros.



MENINA NAMBIQUARA no filme “Trópico da saudade”, de Marcelo Fortaleza Flores. Lévi-Strauss via nos mitos indígenas a base para novo humanismo

Miguel Conde

O GLOBO: Em sua apresentação a “O cru e o cozido”, Lévi-Strauss diz que as “Mitológicas” seguem o próprio movimento transformador dos mitos, e portanto são uma obra sem começo nem fim, construída “em rotação”. De que maneira essa organização determina o tipo de análise desenvolvida por ele, e em que isso interfere no trabalho do tradutor? Quais foram os maiores prazeres e penas deste seu trabalho?

BEATRIZ PERRONE-MOISÉS: Lévi-Strauss é um autor, no pleno sentido do termo. Em toda a sua obra, como que a expor a indissociabilidade entre forma e conteúdo que é um de seus grandes ensinamentos, aquilo que se diz e o modo como se diz são inseparáveis. Isso já foi apontado por vários de seus leitores. As “Mitológicas” são mesmo — trata-se de levá-lo a sério quanto a isso — o “mito da mitologia”, no sentido de que pensamos como os mitos. A tradução representa por isso o enorme desafio de transpor para outra língua um pensamento que não pode ser reduzido a seu conteúdo. Implica deformações que não raro são perdas, o que é certamente minha maior frustração como tradutora. A escrita de Lévi-Strauss é, ademais, de uma elegância, uma beleza, que só é possível para alguém que, como ele, maneja com maestria a própria língua. Mais um aspecto do desafio de traduzi-lo. Em termos mais técnicos, visto que toda a análise estrutural dos mitos envolve etnografia tanto quanto astronomia, botânica, zoologia, matemática, música, filosofia, etc., as “Mitológicas” apresentam uma série de dificuldades quanto a vocabulários próprios a cada especialidade. Tenho convivido com esses múltiplos desafios há muitos anos (traduzi “A oleira ciumenta” em 1985) e sei que sentirei falta desse convívio quando terminar (em breve) a tradução de “O homem nu”. Prazeres e penas estão muitas vezes juntos, sempre que o mergulho na be-



BEATRIZ PERRONE-MOISÉS: convivência íntima com texto do antropólogo

leza (de forma e conteúdo, sempre) do texto de Lévi-Strauss vem reencantada e ao mesmo tempo me parece irre recuperável na transposição. Mas Lévi-Strauss diz que os mitos resistem a qualquer tradução; só me resta esperar que isso se aplique também à minha.

• De modo bem claro, no mesmo texto, Lévi-Strauss diz que seu projeto como pensador é partir da experiência etnográfica para “fazer um inventário dos imperativos mentais”, ou, como a senhora diz, desvendar a sintaxe do espírito humano. Em sua opinião, hoje essa aspiração continua sendo relevante ou mesmo defensável dentro do campo antropológico?

BEATRIZ: Lévi-Strauss de fato afirmou, de vários modos, o objetivo de atingir tais “estruturas do espírito”. Quando se atenta para sua obra, entretanto, essas matrizes do pensável, por assim dizer, mais parecem ser ponto de partida do que de chegada. Mesmo porque as tais estruturas, feitas de relações entre conteúdos, só se revelam (e só existem) como particularidades. Dai to-

da a análise estrutural exigir um vasto e detalhado conhecimento das culturas envolvidas, do lugar do mundo em que se encontram e de suas relações com ele.

• Num texto que é considerado um dos marcos iniciais do pós-estruturalismo, “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, Jacques Derrida trava um diálogo minucioso com a obra de Lévi-Strauss, centrado nessa introdução às “Mitológicas”, e termina por identificar nele uma nostalgia da origem, ou o desejo de estabelecer as bases para a criação de “um novo humanismo”. Como a senhora vê essa leitura?

BEATRIZ: Pode-se ler em Lévi-Strauss a proposta de um “novo humanismo” em várias passagens da obra. Uma de suas formulações mais fortes está no último parágrafo do terceiro volume das “Mitológicas”, “A origem dos modos à mesa” (1968): “Quando proclamam que o inferno somos nós mesmos”, os povos selvagens dão uma lição de modéstia... neste século em que o homem teima em destruir inumeráveis for-

A NOÇÃO DE CULTURA EM ETNOLOGIA

“Chamamos de cultura todo conjunto etnográfico que, do ponto de vista da pesquisa, apresenta afastamentos significativos em relação a outros. Se buscarmos determinar os afastamentos significativos entre a América do Norte e a Europa, tratá-los como culturas diferentes, mas se, supunhamos, o interesse for os afastamentos significativos entre Paris e Marselha, por exemplo, esses dois conjuntos urbanos poderão ser provisoriamente constituídos como duas unidades culturais. Sendo o objeto último das pesquisas estruturais as constantes ligadas a tais afastamentos, percebe-se que a noção de cultura pode corresponder a uma realidade objetiva, sem deixar de ser função do tipo de pesquisa em questão. Uma coleção de indivíduos, portanto que seja objetivamente dada no tempo e no espaço, remete simultaneamente a vários sistemas de cultura: universal, continental, nacional, provincial, local etc., e familiar, profissional, confessional, político etc. Contudo, na prática, esse nominalismo não deve ser levado ao extremo. Na verdade, o termo cultura é empregado para reunir um conjunto de afastamentos significativos cujos limites, conforme prova a experiência, coincidem aproximadamente.”

Trecho de “Antropologia estrutural I”, de Lévi-Strauss, traduzido por Beatriz Perrone-Moisés, que será lançado pela Cosac Naify em dezembro

mas de vida... nunca foi tão necessário dizer, como o fazemos os mitos, que um humanismo bem ordenado não começa por si mesmo. Coloca o mundo antes da vida, a vida antes do homem, o respeito pelos outros seres antes do amor-próprio. E mesmo uma estadia de um ou dois milhões de anos nesta terra — já que de todo modo um dia há de acabar — não pode servir de desculpa para qualquer espécie, nem a nossa, dela se apropriar como coisa e se comportar sem pudor nem moderação”. Um humanismo em que o homem deixa de ser o centro, para assumir seu lugar como parte da criação. Que faz pensar na afirmação de Rousseau em “Emílio, ou da educação”: “só há uma ciência a ensinar às crianças: a dos deveres do homem”. Uma lição a ser aprendida, diz Lévi-Strauss em vários momentos, com os povos chamados “primitivos”. Mas longe de ser uma volta às origens — mesmo porque Lévi-Strauss foi provavelmente o grande autor de uma desconstrução da idéia de que os povos não-ocidentais seriam o passado do Ocidente — isso

aparece mais como uma proposta para haver futuro.

• Num plano mais interpretativo, quais foram as principais mudanças trazidas pelas “Mitológicas” para o estudo do pensamento ameríndio, e o quanto delas permanece relevante hoje?

BEATRIZ: As “Mitológicas” são “uma transformação estrutural do pensamento ameríndio... a resultante da inflexão que esse pensamento recebeu ao ser filtrado por problemas e conceitos característicos da logopóiesis ocidental”, como diz Eduardo Viveiros de Castro. Nesse sentido, mais do que modificar o estudo desse pensamento, dão-nos acesso a ele, inaugurando um diálogo capaz de gerar um novo pensamento, como disse certa vez Pierre Clastres. A “novidade” das “Mitológicas” está longe de ser esgotada. Muito pelo contrário, não cessa de indicar caminhos e propor desafios, sobretudo para todos quantos se dedicam ao conhecimento dos mundos ameríndios, mas não só. Um clássico, no sentido de Italo Calvino, porque sempre novo e renovador. ■

Obras editadas no Brasil

• Prevendo para 2009 a publicação do quarto e último volume das “Mitológicas”, “O homem nu”, a Cosac Naify lança em dezembro dois livros de Lévi-Strauss: “Antropologia estrutural I” e “O suplício de Papai Noel”. Abaixo, uma relação das edições mais recentes de cada livro de Lévi-Strauss que foi publicado no Brasil.

• **Mitológicas 3: A origem dos modos à mesa**, tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Cosac Naify, 2006.

• **Mitológicas 2: Do mel às cinzas**, tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Beatriz Perrone-Moisés. Cosac Naify, 2005.

• **De perto e de longe** (entrevistas a Didier Eribon), tradução de Lea Mello. Cosac Naify, 2005.

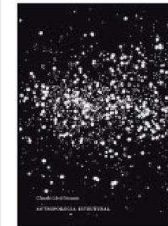
• **Mitológicas 1: o cru e o cozido**, tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Cosac Naify, 2004.

• **Introdução à obra de Marcel Mauss**, in “Marcel Mauss, Sociologia e antropologia”. Cosac Naify, 2003.

• **O pensamento selvagem**, tradução de Tânia Pellegrini. Papirus, 1997.

• **Tristes trópicos**, tradução de Rosa Freire D’Águilar. Companhia das Letras, 1996.

• **Saudades de São Paulo**, tradução de Paulo Neves. Companhia das Letras, 1996.



• **Olhar, escutar, ler**, tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Companhia das Letras, 1996.

• **Saudades do Brasil**, tradução de Paulo Neves. Companhia das Letras, 1994.

• **História de Lince**, tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Companhia das Letras, 1993.

• **Entrevistas com Claude Lévi-Strauss** (a Georges Charbonnier), tradução de Níxia Adam Bonatti. Papirus, 1989.

• **Minhas palavras**, tradução de Carlos Nelson Coutinho. Brasiliense, 1986.

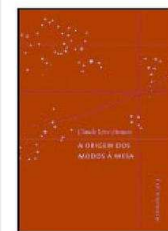
• **A oleira ciumenta**, tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Brasiliense, 1986.

• **As estruturas elementares do parentesco**, tradução de Mariano Ferreira. Vozes, 1982.

• **Antropologia estrutural dois**, tradução de Maria do Carmo Pandolfo. Tempo Brasileiro, 1976.

• **Totemismo hoje**, Abril Cultural, coleção “Os Pensadores”, 1976.

• **O triângulo culinário**, in “Lévi-Strauss”. L’Arc Documentos, 1968.



Você conhece melhor os livros pela orelha.

LIVRARIA PARADISO
com Lula Vieira,
de segunda a sexta,
às 9h e às 13h.



www.paradisofm.com.br